

O discurso literário sobre os psicoativos¹

Wander Wilson Chaves Júnior²

Resumo: Thomas De Quincey, no século XIX, instaurou um discurso literário sobre as substâncias psicoativas que se chocou com as construções médicas de seu tempo para afirmar a singularidade do usuário com a arte das doses. Já no século XX, o *beat* estadunidense William Burroughs se voltou contra o conceito médico de *addiction* afirmando a singularidade de cada substância. Este artigo associa a literatura destes dois escritores em um pensamento sobre o hábito com os psicoativos.

Palavras-chave: literatura, ética, psicoativos

De Quincey e a arte das doses

Ao longo da história do homem, a relação entre uso de substâncias psicoativas e a invenção artística é profícua. Na tradição ocidental, por exemplo, temos que

vários entre os maiores líricos gregos (Arquílocos, Alceo, Anacreonte) elogiaram sem reservas o suco fermentado da videira como veículo de iluminação artística, e entre os autores dramáticos a situação era bastante análoga. Algumas tradições convergem ao apontar que Sófocles recriminava Ésquilo por não saber o que escrevia – ainda que escrevesse o devido – por compor suas obras em estado de embriaguez. Epicarmo considerava a lírica incompatível com a sobriedade, e Simónides pensava o mesmo com relação à comédia (ESCOHOTADO, 2005, p.151, tradução pessoal).

A tradição grega construiu uma série de reflexões sobre as relações entre bebida e sabedoria ou o bem beber e o mal beber; um pensamento sobre a embriaguez que pode ser visto permeando a produção dos líricos, as reflexões de Sócrates no banquete ou a *Odisseia* de

¹ Este artigo apresenta de forma resumida algumas questões presentes no capítulo 2 de minha dissertação de mestrado *O Comissário do esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura vida de William Burroughs*, orientada por Dorothea Voegeli Passetti (depto. de Antropologia PUC-SP), disponível em: sapiencia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=16702. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

² Wander Wilson é mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP

Homero, com o psicoativo *nephente*³ e a sua capacidade como destruidor de mágoas (PASSETTI, 1991, p. 18).

Apesar desta antiga tradição de reflexão sobre a embriaguez e suas possíveis relações com experiências de invenção artística e reflexão filosófica, se tomarmos apenas a literatura como assunto, o século XIX observa a emergência de um tipo de discurso⁴ diferente do que até então ocorria.

Segundo Escotado (2005), um novo gênero literário é inaugurado com o poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1772-1824), que passa a usar ópio de forma terapêutica por conta de dores derivadas de problemas de saúde. Sob os efeitos do ópio, Coleridge escreveu o famoso poema “Khubla Khan”, em cujas últimas linhas⁵ há, possivelmente, uma referência ao caldo branco que escapa da cabeça da papoula.

Ainda que Escotado aponte um pequeno começo de uma literatura a respeito de substâncias psicoativas neste poeta, são breves e apenas presumíveis as menções sobre o assunto, e o uso deste tipo de alteração da consciência para a criação literária, como já apontado aqui, é frequente na história

Para além das breves menções e do uso para a criação, o primeiro livro que elegeu uma droga como tema principal da escrita Ocidental foi *Confissões de um Comedor de Ópio*, do também inglês e contemporâneo de Coleridge, Thomas De Quincey (1785-1859). Ele utilizou o ópio pela primeira vez no outono de 1804, com o intuito de atenuar dores reumáticas na cabeça e no rosto. De Quincey vivia em uma época onde as relações entre a sociedade e os psicoativos não se baseavam em leis proibitivas, e muitas destas substâncias eram prescritas por médicos como tratamento de saúde. Casos, por exemplo, do éter e do ópio, que habitam terapias psiquiátricas desde o século XVIII. Também era o caso de uma tintura popular, vendida nas

³ Na *Odisseia*, trata-se de uma poção que Helena de Tróia oferece a Telémaco. O mais comum entre pesquisadores é assumir que esta substância era uma mistura à base de ópio. Entre muitas fontes possíveis, Cf. Passetti, 1991; Escotado, 2005.

⁴ O discurso é trabalhado neste artigo como lugar e operador de confrontos. Não se trata de linguagem autônoma em um campo etéreo, mas de práticas discursivas atravessadas por forças em luta. “Trata-se aqui de mostrar o discurso como um campo estratégico no qual os elementos, as táticas, as armas não cessam de passar de um campo ao outro, de permutar-se entre os adversários e volta-se contra os que os utilizam. É à medida que ele é comum que o discurso pode tornar-se a um só tempo um lugar e um instrumento de confronto. (...) O discurso é para a relação das forças não apenas uma superfície de inscrição, mas um operador” (FOUCAULT, 2011, pp. 220-221).

⁵ “For he on honey-dew hath fed, / And drank the milk of paradise” (“pois ele em melado de mel se alimentou, / e bebeu o leite do paraíso”, em tradução livre. *Apud* ESCOTADO, 2005, p. 567).

farmácias sobe a rubrica de Láudano, um extrato de ópio (DE MÈREDIEU, 2011, pp. 221-222).

Apesar de suas primeiras experiências com ópio remontarem a 1804, o livro deste escritor e filólogo foi publicado pela primeira vez somente em 1822, na Inglaterra. Descreve sua vida da infância à juventude ("confissões preliminares") e depois os efeitos do ópio tanto do que chama "As volúpias do ópio", quanto no que denomina "As torturas do ópio". Sua intenção ao escrever é "celebrar o poder do ópio — não sobre a doença e a dor físicas, mas sobre o mundo maior e mais obscuro dos sonhos" (DE QUINCEY, 2005, p. 19).

O período em que o escritor inglês escreve o livro é importante. Em simultâneo à escrita e publicação deste livro, o conceito de *addiction* e a relação entre uso-abuso de substâncias psicoativas e doença começam a ser desenvolvidos pela medicina. *Addiction* é a palavra que, em línguas latinas, traduzimos ora por vício, ora por adicção (ou adição). Henrique Carneiro (2002), no artigo "A fabricação do vício", desenvolve brevemente parte deste percurso mostrando como, no interior das ciências psiquiátricas, todo o começo do conceito se desenha a partir do uso do álcool com médicos como Thomas Trottes, que qualificou a embriaguez como uma doença da mente em 1804, Benjamin Rush, que relacionou embriaguez e masturbação como transtornos da vontade em 1791, e Jean-Étienne Esquirol, que classificou a embriaguez como uma monomania⁶. Já por volta de 1870, o desejo imoderado pela morfina começou a aparecer no discurso médico com a publicação de "O desejo mórbido pela morfina", de Edward Levinstein. Em 1844, Kerr referia-se ao uso de drogas como oriundo de uma organização nervosa depravada, uma doença equivalente à gota, à epilepsia e à insanidade. Os trabalhos psiquiátricos ao longo do século XIX construíram pouco a pouco o sujeito da *addiction*, aquele que, pelo uso compulsivo de substâncias psicoativas, se tornaria um doente.

Em De Quincey o problema não será o "comportamento vicioso", o sujeito doente pelo uso de um psicoativo específico, mas a dose. De Quincey começou sua

⁶ Monomania é uma noção psiquiátrica que emergiu no século XIX. Referia-se a um distúrbio focal que acarretava em um tipo de comportamento obsessivo. "Com a monomania, com essa espécie de caso singular, extremo, monstruoso, tínhamos o caso de uma loucura que, em sua singularidade, podia ser terrivelmente perigosa. E, se os psiquiatras davam tanta importância à monomania, é porquê a exibiam como a prova de que, afinal de contas, bem podia se dar ao caso em que a loucura ficava perigosa" (FOUCAULT, 2011a, p.121).

relação com o ópio utilizando a substância uma vez a cada três semanas, evoluindo para um uso lúdico de uma vez por semana a partir de 1812. Mas foi por volta de 1816 que ele encontrou a suas torturas e adquiriu hábito, consumindo cerca de 320 grãos ou oito mil gotas diárias. É na aquisição do hábito do ópio que De Quincey elenca as torturas, e na dosagem bem estabelecida que localiza as volúpias. Outra intenção do livro foi prestar serviço a "toda classe de comedores de ópio" (DE QUINCEY, 2005, p.13), o que se relaciona fundamentalmente à questão da dosagem: é em uma dose não prudente que se adquire as más sensações, aquilo que hoje conhecemos como crise da abstinência, mal estar derivado do uso interrompido.

Dois aspectos importantes merecem destaque em De Quincey: para ele, o ópio carrega as volúpias e as torturas em si, e uma não exclui a outra; além disso, quando trata das volúpias, sua narrativa apresenta os efeitos da substância como “o segredo da felicidade”, conforme expresso neste trecho:

ali estava o segredo da felicidade, sobre o qual os filósofos haviam discutido durante tantas eras, descoberto num átimo; a felicidade podia ser comprada agora por um *penny*, e levada no bolso do colete; êxtases portáteis poderiam ser guardados em um quartilho; e a paz mental poderia ser enviada pelo correio (DE QUINCEY, 2005, p. 226).

Associa, também, seus efeitos a características potencialmente divinas, como nesta passagem:

Este [o ópio] entre todos os agentes dados ao homem conhecer, é o mais poderoso por seu domínio, e pela extensão de seu domínio, sobre a dor. Tão mais poderoso que qualquer outro, que devo pensar que, numa terra pagã, supondo que tenha sido dado a conhecer adequadamente, por meio do conhecimento experimental, o ópio teria altares e sacerdotes consagrados a seus poderes benignos e protetores (DE QUINCEY, 2005, pp.18-19).

Sobre estes trechos, é importante sinalizar dois aspectos, mesmo que eles não sejam o foco deste artigo. A construção de uma substância psicoativa como “pílulas da felicidade” teve repercussão tanto durante a década de 1960, com a explosão do consumo de LSD, quanto na produção farmacêutica que, devido à proibição das drogas utilizadas anteriormente de modo terapêutico – como morfina, heroína, cocaína ou

cânhamo –, passou a produzir novas substâncias para o tratamento de ansiedade e depressão, entre as quais se destaca o meprobamato, comercializado inicialmente com o sugestivo nome de *happy pills*. Outro aspecto relevante é que, por mais que De Quincey não afirme veementemente os efeitos do ópio como divinos – ou mesmo como inimigos de uma divindade transcendental, o que classificaria a substância como uma divindade mundana –, é possível encontrar um desdobramento de suas sugestões em Charles Baudelaire, na construção de seus *paraísos artificiais*.

O livro de De Quincey é também uma confissão pessoal dos males que lhe provocaram as torturas do ópio. A respeito de uma culpa, pelo próprio uso do psicoativo, De Quincey narra em seu livro: “Culpa, portanto, não reconheço; e, se o fizesse, é possível que ainda a resolvesse no presente ato de confissão, em consideração ao serviço que posso através dela prestar a toda classe de comedores de ópio” (DE QUINCEY, 2005, p. 13). De Quincey titubeia quanto à possível culpa pelo uso da substância, mas assume que, se ela existisse, seria resolvida em uma espécie de *filantropia* aos demais comedores de ópio. O livro também investiga as misérias de sua vida passada – a morte do pai, a fome que passou durante os anos em que fugiu do colégio –, qualificando-as como a raiz de seus problemas futuros, inclusive da inadequação da dose de consumo de ópio.

A noção de *addiction* (“vício”) é relativamente nova, por mais que tenha aparecido em discursos médicos ao longo século XIX e povoe o mundo de hoje (mesmo que desdobramentos futuros como *dependência*). Até a emergência desta categoria, não se tinha a conexão entre abuso de alguma substância e doença e/ou anomalia. O que mostra a vasta historiografia das drogas é que o ópio é uma substância há muito tempo conhecida por suas características psicoativas, existindo sinais de seu consumo por assírios, babilônios, egípcios, sumérios, gregos e romanos (com destaque para a relação duradoura de consumo do imperador Marco Aurélio) (cf. ESCOHOTADO, 2005; PATRÍCIO; SANTOS; TRANCAS, 2008.). No entanto, é interessante notar que, por mais que estas experiências com o ópio possam ser encontradas na antiguidade, não existem relatos ou discussões sobre temas que possam ser correlatos a noções como “vício” ou “dependência” datados deste período. Neste sentido, segundo Escohotado (2005), a tradição terapêutica que se desdobra da antiguidade insistia em dizer que a familiaridade com a substância suspende sua potencial capacidade de funcionar como um veneno.

De outro lado, nota-se que, na Europa do século XVIII, existia outra distinção que operava não em relação à saúde, mas ao uso da substância por si: a distinção entre *amadores* e *habitados* (cf. ESCOHOTADO, 2005, p. 556). Para efeito de comprovação, basta retornar à literatura de De Quincey e reparar na palavra que ele emprega para se referir ao seu problema com o ópio: a expressão utilizada é precisamente *hábito*. A questão do hábito já envolvia aquilo que conhecemos por abstinência, as dores causadas pela supressão da substância; no entanto, era uma noção que não envolvia os saberes médicos em sua construção, muito menos pressões morais, mas dizia apenas se o sujeito adquiriu hábito de uma substância ou não. Em De Quincey, o hábito é o momento da tortura, o cálculo errado da dose, aquilo que provoca tantas dores e males e de que é preciso se livrar.

Em uma passagem de seu livro, De Quincey comenta as formulações médicas a respeito do ópio no seu tempo:

Antes, uma palavra em relação a seus efeitos físicos, pois, de tudo o que foi escrito até hoje a respeito do ópio, seja por viajantes à Turquia (que podem reivindicar seus privilégios de mentir como um antigo direito imemorial), seja por professores de medicina escrevendo *ex cathedra*, tenho apenas uma crítica enfática a pronunciar: Tolice!(...) De maneira semelhante, não nego absolutamente que algumas verdades foram fornecidas ao mundo em relação ao ópio. Assim, foi afirmado repetidamente por eruditos que o ópio é de cor marrom-amarelada - e isso, veja bem, eu confirmo —; segundo que é bastante caro, o que também confirmo — pois no meu tempo o ópio da Índia Oriental custava três guinéus por libra, e o da Turquia, oito —; e, terceiro, que se você ingerir uma boa quantidade dele provavelmente terá de fazer o que é desagradável para qualquer homem de hábitos regulares — isto é, morrer. Essas declarações de pesos são, todas e singularmente, verdadeiras; não posso negá-las, e a verdade sempre foi, e será, recomendável. Mas, nesses três teoremas, acredito que exaurimos o estoque de conhecimento até então acumulado pelo homem a respeito do ópio. E portanto, dignos médicos, como parece haver espaço para novas descobertas, afastem-se e permitam-me adiantar-me e lecionar sobre esse assunto (DE QUINCEY, 2005, p.227).

De Quincey se volta contra as formulações médicas de seu tempo e, se ao final deste trecho pede para que os médicos se retirem para que ele leccione, isso se dá em

favor de uma experiência pessoal para a formulação de suas considerações sobre o ópio. Há também, em *Confissões de um Comedor de Ópio*, uma atitude de afronta às construções médicas de seu tempo para a afirmação do hábito e da arte das doses. E talvez seja esta a importância deste tipo de discurso, instaurado na literatura por De Quincey: uma reflexão sobre a singularidade do uso, em contraposição a aspectos generalizantes elaborados pela medicina desde o século XIX.

William Burroughs e o governo do hábito

A escrita de De Quincey inaugura a literatura como espaço de invenção da singularidade do usuário de psicoativos, instaura e abre uma série de possibilidades discursivas-literárias que se desdobrarão historicamente. Um dos casos em que esta possibilidade literária toma forma é a escrita de *Junky*, do estadunidense William Burroughs⁷. Embora remeta a uma tradição inaugurada por De Quincey, o livro de Burroughs diferencia-se de *Confissões de um Comedor de Ópio*. Em Burroughs não há falta ou arrependimento para a composição literária, nem um aspecto moral ou imoral, por mais que a primeira edição de seu livro, por ordens da editora, tenha acrescentado o subtítulo *Confissões de um drogado irre recuperável*. No entanto, há certa aproximação naquilo que toca a experimentação de substâncias psicoativas consideradas em sua singularidade imbricadas com a invenção literária.

Neste livro, Burroughs relata suas experiências com o uso de opiáceos nos Estados Unidos durante as décadas de 1940 e início de 1950. O termo para este grupo específico de psicoativos era *junk*. O livro se debruça sobre o *junkie*, aquele que usa *junk*, como um estilo de vida que passava a ser proibido com a promulgação da Lei Harrison de Narcóticos em 1914.

A partir da criação da Lei Harrison, a política estadunidense criou duas novas figuras jurídicas: o *traficante* e o *addicted* (“viciado”), ambas sujeitas a punição. Instaurou-se uma série de práticas reguladoras por parte do governo estatal e das

⁷ William Burroughs nasceu em 1914 na cidade de St. Louis Missouri. Durante a década de 1940 este associado a jovens escritores que ficaram conhecidos como geração *beat*, interessados pela diluição entre literatura e vida a partir de práticas com sexo, viagens e psicoativos. Burroughs ficou conhecido pelo uso intenso de drogas e pela atitude voraz contra conceitos universalizantes como crime e *addiction*. cf. Chaves Júnior, 2014.

associações médicas, junto à influência de uma moral puritana⁸ abstencionista que crescera a partir do século XIX. Burroughs presenciou possíveis efeitos da proibição: seu tio, Horace Burroughs, habituado ao uso de morfina por indicação médica, suicidou-se em março de 1915, após sentir nas tripas que seu estilo de vida havia sido proibido (cf. Harris, 2005).

Assim, toda a relação entre o uso de psicoativos e um usuário doente, que fora cuidadosamente construída ao longo do século XIX, era agora promulgada e oficializada juridicamente pela regulamentação de um país. Se a construção médica do conceito de *addiction*⁹ teve início com a embriaguez, foi com o modelo dos opiáceos que a noção pôde ser universalizada, tornando-se aplicável a todas as substâncias psicoativas. Neste sentido, somaram-se as experiências médicas de casos de usos de morfina que acarretaram em circuitos terríveis para aqueles que as utilizaram – em grande parte, por indicação médica, como o caso de Horace Burroughs, os relatos das guerras do ópio na China e, principalmente, a emergência da heroína, que cada vez assumiu o estatuto de modelo de *addiction*. No livro intitulado *As Drogas*, o psicólogo Peter Laurie enfatiza que a heroína “(...) é a droga arquetípica do vício. Em torno dela formamos nossas atitudes a respeito das drogas e seu uso em geral” (LAURIE, 1969, p.18). Em relação aos sintomas de corte do uso de heroína, Burroughs relata:

Após dez dias de tratamento, eu me deteriorara de forma chocante. Minhas roupas estavam manchadas e enrijecidas por causa das bebidas que eu derramara em cima de mim. Em nenhum momento eu tomara banho. Perdera peso, minhas mãos tremiam, derrubava as coisas constantemente, trombava em cadeiras e caía. No entanto, parecia ter uma disposição e uma capacidade ilimitadas para a bebida, que jamais tivera. Minhas emoções se esparramavam. Minha sociabilidade estava descontrolada, conversava com qualquer um que eu conseguisse parar. Forçava confidências detestavelmente íntimas a completos estranhos. Várias vezes fiz convites

⁸ Thiago Rodrigues (2004) mostra as procedências de uma política proibicionista nos Estados Unidos da América por meio do entrecruzamento de fatores políticos, sociais, religiosos, econômicos e morais.

⁹ Foi importante para a construção deste conceito o plano de negociações políticas internacionais. Entre convenções, congressos e reuniões da ONU há toda uma série de debates e elaborações do conceito de *addiction* que também mereceria ser observada em uma análise mais detalhada. No entanto, para lidar diretamente com a forma que Burroughs lida com esta noção a discussão do plano internacional não será enfatizada. Para mais detalhes sobre a elaboração deste conceito neste âmbito, ver ESCOHOTADO, 2005, pp.893-912.

sexuais dos mais crus para pessoas que não haviam dado nenhuma dica de reciprocidade (BURROUGHS, 2005, p. 201).

Fora esta circunstância, também são relatados o descontrole de fezes e urina, suor, espirros, olhos lacrimejantes, coriza, dores por todo o corpo, entre outros sintomas. A heroína é tratada como a droga modelo do vício, não necessariamente pela universalização destes sintomas específicos; o que está em jogo na noção de *addiction* é a universalização da relação entre uso, abstinência e sintomas físicos. Desenvolveu-se também, a partir daí, a teoria da escalada rumo a outras drogas, amplamente divulgada pelas instituições estatais dos EUA, em que o uso de qualquer droga poderia levar ao uso de heroína¹⁰. Assim, alguém poderia iniciar uma escalada pelo álcool, passar por maconha e cocaína, por exemplo, e chegar até a substância modelo, a heroína.

Este trajeto médico se combinou, de outro lado, com a perseguição moral a estas substâncias. Foi justamente o acoplamento entre moral e medicina que formou a *addiction*. As línguas latinas comumente traduziram esta expressão por “vício”, que parece, a princípio, uma expressão algo inexata, afinal, *addiction* originalmente se referia à carga física de efeitos. A tradução latina refere-se imediatamente a uma construção moral, visto que a palavra carrega uma herança grega relativa à discussão de vícios e virtudes. Assim, o “viciado” é aquele que não pratica a virtude, comportamento desejável, conduta daquele que inibe as paixões, ou seja, a conduta daquele que é moral (cf. STIRNER, 2004, p. 23).

De certa forma, no entanto, a tradução de “vício” facilita a compreensão da noção de *addiction*. Nos Estados Unidos, para se compreender a emergência desta noção, não somente como elaboração psiquiátrica, é preciso se voltar a seu correlato corriqueiro, expressão falada pelas ruas, o termo *dope fiend*. Em inglês, *fiend* é uma palavra que pode ser literalmente traduzida por monstro, e era utilizada cotidianamente para designar aqueles para com os quais a sociedade tinha repulsa, normalmente gays,

¹⁰ Foi feito um curta metragem em 1951 chamado *Drug addiction*. O filme foi produzido pela Enciclopédia Britannica em formato educativo. Apresenta a história de Marty, um menino que começou a fumar maconha, e por ter sensações agradáveis, as comparou aos possíveis efeitos de heroína. O fim do filme apresenta Marty na reabilitação, afirmando que tudo começou com um “cigarro de maconha”. A produção contava com o apoio da Juvenile Protective Association of Chicago, organização privada sem fins lucrativos, fundada pela integrante da Sociedade de Sociologia Americana Jane Addams, e com a consultoria de Andre C. Ivy, Psicólogo da Universidade de Illinois. O filme está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HvTELOkqpMw> (consultado em 20/10/2013)

pretos, estrangeiros e subversivos (cf. GINSBERG in: FORMAN, 1987, Vídeo). Acoplado à palavra *dope*, temos então literalmente o "narco-monstro", o sujeito monstruoso que consome substâncias psicoativas, repugnante do ponto de vista moral. Neste âmbito somam-se diversas campanhas estatais, como cartazes e filmes que afirmavam que as drogas inspiram o crime, provocam vontade de fazer sexo desenfreada, destroem a família, arruinam os costumes, causam horror, desespero e insanidade. Junto a estas campanhas também emergiu a figura do *traficante* aliciador, responsável por corromper jovens de boa índole oferecendo drogas, às vezes de graça, apenas para viciar os bons rapazes e garotas¹¹.

A emergência do sujeito *addicted* e o exercício do saber psiquiátrico incidindo sobre o *dope fiend* expressam o corte, no início do século XX, entre *normal* e *anormal*. Portanto, como explicita Foucault (2011a), estamos “no reino do King Kong”, o reino dos monstros; a noção de anormal é devedora da noção de monstro moral que aparece no limiar do século XIX, e que apresenta resquícios na expressão *dope fiend*. O drogado é constituído como um degenerado moral e fisicamente, aquele que será considerado potencialmente perigoso e alvo de medicalização pela psiquiatria, tratada como defesa social e responsável por minar os perigos internos do Estado.

A psiquiatria não visa mais, ou não visa mais essencialmente a cura. Ela pode propor (e é o que efetivamente ocorre nessa época [final do século XIX]) funcionar simplesmente como proteção da sociedade contra os perigos definitivos de que ela pode ser vítima de parte das pessoas que estão no estado anormal. A partir da medicalização do anormal, a partir dessa consideração do doentio e, portanto, do terapêutico, a psiquiatria vai poder se dar efetivamente uma função que será simplesmente uma função de proteção e de ordem. (FOUCAULT, 2011a, p. 277)

¹¹ Para uma reflexão a respeito desta última figura, e da produção de verdade que ela engendra, pode-se destacar o filme *The man with the golden arm*, de 1955, produzido por Otto Preminger, baseado no roteiro do livro de Nelson Algren e protagonizado por Frank Sinatra. O filme fez grande sucesso nos Estados Unidos, recebendo três indicações ao Oscar. Na narrativa cinematográfica, o traficante aparece como aquele que alicia Frankie (Frank Sinatra), que acabara de sair da prisão. Frankie é tratado como uma vítima, um sujeito que não tem culpa e nem governo sobre si mesmo e, devido a suas relações de vida, sua baixa renda e seus problemas amorosos, acaba caindo nas garras do homem mau.

Portanto, trata-se também do exercício de um racismo. Não o racismo étnico, por mais que estes dois racismos tenham se combinado no interior do nazismo alemão, mas um tipo de racismo que se volta contra o que for considerado anormal.

O racismo que nasce na psiquiatria é o racismo contra o anormal, é o racismo contra os indivíduos, que, sendo portadores seja de um estado, seja de um estigma, seja de um defeito qualquer, podem transmitir a seus herdeiros, da maneira mais aleatória, as consequências imprevisíveis do mal que trazem em si, ou antes, do não normal que trazem em si (FOUCAULT, 2011a, p. 277).

É contra toda esta construção que Burroughs se volta, agredindo-a e escancarando seus efeitos. Não é fortuito que o primeiro volume de *Junky* seja todo recortado com notas do editor dizendo que várias de suas afirmações não tinham validade médica.

Burroughs escreve sempre a partir de sua experiência pessoal, que envolve também um conhecimento das experiências dos grupos que circulou, dos *junkies* que conheceu e dos traficantes de quem comprou drogas. Uma primeira afirmação contrária à época é a de que nenhum usuário de opiáceos adquire “vício” após a primeira dose injetada. Burroughs só sentiu as experiências ruins que a supressão da substância acarreta depois de pouco mais de um mês de uso, quando começou a se picar sem intervalos. Relata também que nunca viu alguém se “viciando” na primeira injeção. Segundo ele, um “não usuário teria de se picar todos os dias, por no mínimo um mês, para chegar a desenvolver algo próximo do vício [habit]” (BURROUGHS, 2005, p. 249).

A partir da experiência de Burroughs, *Junky* apresenta duas situações. De um lado, os seus problemas e dores e suas relações conturbadas com os opiáceos, e de outro, o combate ao aspecto universalizante do conceito de “vício”. Em um dos relatos de suas sensações de abstinência, que chama de *junk sickness*, narra:

A doença da abstinência [*junk sickness*] afeta as pessoas de formas diferentes. Algumas sofrem principalmente de vômitos e diarreias. O tipo asmático, de peito estreito e fundo, está sujeito a ataques violentos de espirros, olhos lacrimejantes, nariz congestionado e, em alguns casos, espasmos dos brônquios, que se fecham, impedindo a respiração. No meu

caso, a pior coisa é a queda da pressão, com conseqüente perda de líquido corporal e extrema fraqueza, como se eu houvesse sofrido um choque. A sensação é como se a energia vital houvesse sido cortada e as células no corpo começassem a sufocar. Deitado ali no beliche, senti como se estivesse virando uma pilha de ossos (BURROUGHS, 2005, p.159).

Burroughs apresenta toda uma gama de aspectos diferenciados que poderiam envolver a *junk sickness*, classificando tipos, e afirmando que as dores da abstinência são singulares, variam de pessoa para pessoa. Ao mesmo tempo, em Burroughs, o *junkie* nunca é um doente; o que traz a doença ao estilo de vida é a ausência da substância (somente desta forma a palavra *sickness* aparece), e os efeitos de sua supressão. Não é uma questão de insanidade, loucura, desvio mental ou qualquer outro tipo de enquadramento psiquiátrico. Tratar o uso de opiáceos como um estilo de vida não implica em positivar ou negatizar este estilo; reconhecem-se também suas mazelas. É um estilo de vida que assume riscos: o risco da própria morte¹² (pela falta da substância ou pela compra de produtos de baixa qualidade), o risco de ser preso, o risco de ser forçosamente internado. Trata-se de elaborar uma existência que demanda tempo para se formar, uma série de saberes que é preciso apreender, técnicas que são necessárias tanto para se utilizar psicoativos, quanto para se valer deles sem ser pego por policiais. Uma forma que não demanda um governo exterior, mas que parte de um *governo de si* (Cf. FOUCAULT, 2006, 2009, 2010).

Após ter sido preso, enquadrado na lei de viciados do estado da Lousiana, Burroughs relata este tempo de *junk sickness*, esta espera dolorida até conseguir sair da prisão e procurar uma dose qualquer de um opiáceo a fim de restaurar seu estado antes da doença:

Deitei-me no beliche estreito de madeira, virando de um lado para o outro. Meu corpo coçava, úmido, intumescido. A carne congelada na droga [junk] degelava-se em agonia. Dobrei-me sobre a barriga e uma perna escorregou para fora do beliche. Inclinei-me para frente, e a borda arredondada do beliche, lisa devido à fricção com tecidos, escorregou ao longo de minha virilha. Houve um fluxo de sangue repentino para meus órgãos genitais, por

¹² É relativamente difícil ocorrer uma morte por overdose de heroína: os casos de overdose relativa ao uso de opiáceos normalmente estão associados à compra de produtos com misturas diferentes, e, sendo assim, o usuário não sabe a quantidade certa a ser utilizada. Também podem ocorrer mortes devido a efeitos derivados do compartilhamento de seringas, ou por reações alérgicas à substância (Cf. GRUND, 1993, p.129).

causa desse contato deslizante. Fâscas explodiram diante dos meus olhos; minhas pernas retorceram-se — era o orgasmo de um enforcado quando o pescoço quebra. (BURROUGHS, 2005, p.161)

Apesar dessas descrições horríveis que embrulham o estômago do leitor, *Junky* não é um livro de arrependimento, não é uma confissão. É, como já esboçado, a descrição de um estilo de vida:

Nunca me arrependi da minha experiência com a droga [*junk*]. Acho que estou em melhor forma hoje, usando a droga [*junk*] em intervalos, do que estaria se nunca tivesse me viciado [*addict*]. (...) A droga [*junk*] é uma equação celular que ensina fatos de validade geral ao usuário. Aprendi muito usando a droga [*junk*]: vi a medida da vida em gotas de morfina. Experimentei a agonizante privação da doença da droga [*junk sickness*], e também o prazer do alívio, quando as células sedentas de droga [*junk-thirty cells*] beberam da agulha. Talvez todo prazer seja alívio. Aprendi o estoicismo celular que a droga [*junk*] ensina ao usuário. Já vi um quarto cheio de viciados em abstinência [*sick junkies*], silenciosos e imóveis, num sofrimento solitário. Eles sabiam da falta de sentido em reclamar ou em se mover. Sabiam que, basicamente, ninguém pode ajudar ninguém. Não existe chave nem segredo que alguém seja capaz de lidar.

(..). A droga [*junk*] não é um barato [*kick*]. É um estilo de vida (BURROUGHS, 2005, p.55).

A questão que move o livro é o *junkie* como um estilo de vida que foi proibido. Estilo de vida do qual Burroughs não se arrepende. Viveu este estilo, entrando e saindo, até o fim de sua vida, aos oitenta e três anos de idade. *Junky* é um livro que, apesar de partir de si, tal como as *Confissões de um Comedor de ópio*, é substancialmente diferente deste. Não se trata de uma confissão de caráter filantrópico, mas de uma reflexão sobre si próprio, sobre suas células famintas, sobre suas veias à espera de uma injeção.

É importante notar que Burroughs se considera melhor sendo um *junkie* do que antes de o sê-lo, mesmo que sua experiência pareça muitas vezes dolorosa, ainda que o livro também esteja recheado de momentos em que a necessidade de largar os opiáceos seja desesperadora. Portanto, mesmo a condição de “viciado” não aparece como um mal por si. A própria *junk sickness* aparece no livro não sendo necessariamente ruim:

“Um grau médio de abstinência sempre me trazia lembranças da mágica infância. ‘Nunca falha’, pensei. ‘Tal como uma picada. Eu me pergunto se todos os viciados têm acesso a esse bagulho maravilhoso’” (BURROUGHS, 2005, p. 199).

A grande argumentação de Burroughs relativa ao “vício” e às drogas é de que suas experiências não são passíveis de uma generalização. É na relação pessoal com cada substância, nos encontros de cada um, que se desenrola a experiência. Para Burroughs,

O uso do ópio e de seus derivados conduz a um estado que define limites e descreve o sentido de "vício". (O termo é usado livremente para indicar qualquer coisa a que alguém esteja acostumado ou que deseje com intensidade. Falamos de vício em doces, café, tabaco, temperatura amena, televisão, histórias políticas, e palavras cruzadas.) De tão mal aplicado, o termo tende a perder qualquer utilidade mais precisa enquanto definição. O uso de morfina leva a uma dependência metabólica dessa substância. O consumo de morfina torna-se uma necessidade biológica, como a ingestão de água, e o usuário pode morrer caso interrompa bruscamente o seu uso (BURROUGHS, 2005a, p. 259)

Por outro lado, também não seria possível tratar de substâncias psicoativas e seus efeitos como um universal. Para Burroughs, como se vê na passagem acima, só pode haver “vício” em relação à *junk*, aos opiáceos (BURROUGHS, 2005, p.248). Todo o *Junky* é recheado de afirmações como: "com toda certeza a erva não é viciante¹³ [*habit-forming drug*]" (IDEM, p.76) ou "Não há vício [*no habit*] de C [cocaína]" (IBIDEM, p. 196). Hoje, em meio à proliferação de discursos pela legalização da maconha, a segunda afirmação ainda causa estranhamento, e alguns comentadores da obra de Burroughs a caracterizam como exagerada. No entanto, para o escritor, não há “vício” em cocaína simplesmente porque não se pode comparar os possíveis problemas no circuito de uso de tal substância com o circuito de uso de opiáceos (*junk*). Não se

¹³ "Em 1937, a erva estava categorizada sob a Lei Harrison contra os narcóticos. As autoridades da divisão de narcóticos declaram que ela é uma droga viciante [*habit-forming drug*], que seu uso é prejudicial à mente e ao corpo, e que leva os usuários ao crime. Vamos aos fatos: com toda certeza a erva não é viciante [*habit-forming drug*]. Você pode fumar erva por anos e não vai sentir desconforto se o fornecimento for interrompido. Já vi maconheiros na prisão, contudo nenhum deles demonstrou qualquer síndrome [sintomas, *symptoms*] de abstinência. Em quinze anos, eu mesmo passei por período de fumar erva, porém nunca sentia falta quando o fumo acabava. A erva é menos viciante do que o cigarro [*less habit to weed than there is tobacco*]" (BURROUGHS, 2005, pp76-77).

trata de afirmar que a heroína é uma substância mais "pesada" do que a cocaína, e sim que "O indivíduo pode desenvolver uma fissura extrema por cocaína, mas não ficará doente se não a obtiver" (BURROUGHS, 2005, p.248). "Se você não consegue a cocaína, come, dorme e esquece do assunto" (BURROUGHS, 2005a, p.270). Portanto, a *junk sickness*, que para Burroughs é a expressão do hábito, se refere apenas à *junk*, e os problemas que as pessoas podem desenvolver utilizando outro tipo de substâncias são diferenciados. Mesmo as sensações físicas provocadas pela abstinência variam a cada caso. Pessoas diferentes podem ter efeitos diferentes da *junk sickness*, e lidam com estes de modos também distintos.

A análise da vida de Burroughs, a partir de seu livro *Junky*, corrobora com as reflexões de Peter Grund (1993) em seu livro *Drug use as Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*, uma análise de base etnográfica realizada com usuários de heroína e cocaína na Holanda da década de 1990. Nesta pesquisa todos os usuários de heroína investigados revelaram possuir ciclos de usos intensivos interrompidos por pausas e tratamentos.

As biografias escritas por Barry Miles (1992) e Ted Morgan (1988) também mostram que Burroughs se lançava em instituições de tratamento para conseguir sair do hábito quando isso o impedia de fazer o que gostava: quando o uso de drogas prejudicava seus relacionamentos, sua vontade de escrever ou de fazer sexo. No entanto, há muitos momentos dolorosos e confusos até que ele se decida pela necessidade de um recurso externo. Neste sentido, os ciclos de uso são tanto forçosos, com paradas e recaídas, quanto voluntários, com interrupções para que se possa voltar a usar a substância de forma mais branda no futuro¹⁴.

Burroughs se volta contra a generalização o conceito médico de *addiction*, estabelecendo a partir de suas próprias experimentações que a relação entre usuário e substância é singular.

¹⁴ Isto não significa simplicidade e facilidade para com todas estas questões. Há momentos muito doloridos para que este ciclo aconteça. A leitura de *Junky* é muito clara neste quesito.

Associação antropofágica

Thomas De Quincey, no século XIX, afirmou, ao contrário do que a psiquiatria começava a delinear, que o uso de substâncias psicoativas perpassava uma arte das doses, afirmando a noção de hábito, corrente em sua época. O problema das doses em De Quincey pode ser desdobrado em uma prudência experimental, “como dose, como regra imanente da experimentação: injeções de prudência” (DELEUZE; GUATTARI, 2008a, p. 11). A prudência como a arte das doses que emerge no interior de uma experimentação é um trabalho realizado com um lima fina. Labor paciente, como o do prisioneiro que lixa as grades de uma prisão para rompê-las.

Em Burroughs, ao lermos o livro *Junky*, de um lado notamos resquícios da expressão hábito, típica do século XVIII, em termos estadunidenses vinculado às substâncias psicoativas como *habit-foarming* para uma substância que crie sintomas de abstinência na interrupção do uso e *kick the habit* para esta interrupção. Estes são termos correntes, o vocábulo das ruas. No entanto, Burroughs irá se valer do termo *addiction* para afirmar que ele só cabe ao usuário de opiáceos, tencionando o sentido do conceito e mostrando seus limites.

Ao se valer intensamente dos opiáceos e afirmar que seu uso não é um mal, que o que conhecemos como vício não é algo necessariamente ruim, mas que para ele funciona em uma relação ética com a substância, valendo-se dela em intervalos, Burroughs nos leva a pensar no hábito e na prudência experimental não somente como arte das doses enquanto dosagem de uma substância, mas um governo do hábito que nos leva ao governo da própria abstinência.

Em Foucault, a noção de governo não é entendida como restrita à esfera do Estado, mas é propriamente uma arte de governar condutas, que pode ser vista no âmbito do governo dos outros e do governo de si. Uma divisão que não separa, porque ambos os governos funcionam simultaneamente como no poder pastoral que, desdobrado do pastoreio cristão para a razão do Estado moderno, preocupa-se com todo o rebanho e com cada uma das ovelhas (cf. FOUCAULT, 2001). Nestes jogos de poder também se encontra o assujeitamento, ligado a como o sujeito se faz cumprir uma conduta esperada, no âmbito da lei, da moral, etc. Certamente, as relações com psicoativos também podem perpassar este tipo de produção do sujeito. Nenhuma

relação com psicoativo apresenta aspecto liberador ou pode se construir como prática de liberdade por si só.

O governo de si envolve práticas de produção de subjetividade do sujeito pelo próprio sujeito, sem que isto caia em um individualismo narcísico. Trata-se de dimensões associativas que podem atravessar relações de amizade, relações com a cidade, com professores, etc. As possibilidades são múltiplas, mas a dimensão associativa é necessária (Cf. FOUCAULT, 2006, 2009, 2010).

A associação entre a arte das doses e o governo do hábito é importante em um tempo em que a moralidade povoa conceitos como adição, vício, dependência. Não se trata de afirmar que a medicina é um mal a ser combatido como um monstro demoníaco, mas de reconhecer o que há de moral e político em suas construções, trabalhando para rompê-las e pensar outras possibilidades que abram novas conversas, liguem outros saberes e ciências *menores* (DELEUZE; GUATTARI, 2008) e, definitivamente incorporem as drogas como uma possibilidade *antropofágica*¹⁵ das relações humanas.

¹⁵ Utilizo o termo no sentido em Lévi-Strauss emprega em “Um copinho de Rum”: “Penso em nossos costumes judiciários e penitenciários. Ao estudá-los de fora, ficaríamos tentados a contrapor dois tipos de sociedades: as que praticam a antropofagia, isto é, que enxergam na absorção de certos indivíduos detentores de forças tremendas o único meio de neutralizá-las, e até de se beneficiarem delas; e as que, como a nossa, adotam o que se poderia chamar de *antropemia* (do grego *emein*, “vomitar”). Colocadas diante do mesmo problema, elas escolheram a solução inversa, que consiste em expulsar esses seres tremendos para fora do corpo social (...)” (LÉVI-STRAUSS, 2009a, p. 366). Neste Sentido, Nossa Sociedade Trata o problema do uso de substâncias psicoativas de duas maneiras majoritárias, o encarceramento e a internação. É preciso pensar formas antropofágicas de se lidar com os psicoativos, incorporando suas forças tremendas.

Referências Bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. 2005. *Paraísos Artificiais*. Tradução de José Saramago. Rio de Janeiro: Ediouro
- BURROUGHS, William 2005. *Junky*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Ediouro.
- _____. S/D. *The Letters of William S. Burroughs: 1945-1959*. Editado por Oliver Harris. Londres: Penguin.
- CARNEIRO, Henrique. 2002. "A fabricação do vício". Disponível em <http://www.neip.info/index.php/content/view/2469.html> (consultado em 12/07/2013).
- _____. 2005. *Pequena enciclopédia da história das drogas e bebidas: história e curiosidades sobre as mais variadas drogas e bebidas*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- CASHMAN, John. 1970. *LSD*. Tradução de Alberto Guzik e Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva.
- CHAVES JÚNIOR, Wander Wilson. 2014. *O Comissário do esgoto: coragem da verdade e artes da existência na escritura-vida de William Burroughs*. São Paulo: PUC-SP. Dissertação de Mestrado.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 2008. *Mil Platôs Vol.2*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34.
- _____. 2008a. "Como Criar Para Si um Corpo sem Orgãos" in: *Mil Platôs Vol.3*. Tradução de Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Ed. 34.
- _____. 2008b. "Devir-Intenso, Devir-Animal, Devir-Imperceptível" in: *Mil Platôs Vol.4*. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34.
- DE MERÈDIEU, Florence. 2011. *Eis Antonin Artaud*. Tradução de Isa Kopelman. São Paulo: Perspectiva.
- DE QUINCEY, Thomas. 2005. *Confissões de um Comedor de Ópio*. Tradução de Luiz Roberto Mendes Gonçalves. Rio de Janeiro: Ediouro.
- ESCOHOTADO, Antonio. 2005. *Historia General de Las Drogas*. Madri: Editorial Espasa.
- IORE, Maurício. 2006. *Uso de "drogas": controvérsia médica e debate público*. Campinas: Mercado das Letras.
- FOUCAULT, Michel. 1995. "O Sujeito e o Poder" in: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. *Michel Foucault, Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Tradução de Vera Porto Carrero. São Paulo: Forense Universitária.
- _____. 2001. "OMNES ET SINGULATIM" para uma crítica da razão política. Tradução de Selvino J. Assmann. Disponível em <http://cfh.ufsc.br/~wfil/omnes.htm> C (consultado em 04/06/2014).
- _____. 2006. *A hermenêutica do sujeito*. Tradução de Salma Muchail. São Paulo: Martins Fontes
- _____. 2007. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2009. *História da sexualidade. O uso dos prazeres*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. 2010. *Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- _____. 2010a. "Crise da medicina ou Crise da antimedicina" in: *Revista Verve*, n. 18. Tradução de Heliana Conde. São Paulo: Nu-Sol.

_____. 2011. *Arte, epistemologia e História da Medicina*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

_____. 2011a. *Os Anormais*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

_____. 2011b. *A Coragem da Verdade*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.

GRUND, Jean-Paul Cornelis. 1993. *Drug use as Social Ritual: Functionality, Symbolism and Determinants of Self-Regulation*. Rotterdam: IVO.

HARRIS, Oliver. 2005. “Introdução do editor” in: BURROUGHS, William. *Junky*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Ediouro.

LAURIE, Peter. 1969. *Las Drogas*. Tradução de Cristina Alvarez de Lorenzana. Madri: Alianza editorial.

LÉVI-STRAUSS, Claude. 2009. “Um copinho de rum” in: *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras.

MACRAE, Edward. 1997. “Das drogas: o controle social do uso de substâncias psicoativas” in: PASSETTI, Edson e DA SILVA, Roberto Baptista Dias. *Conversações Abolicionistas*. São Paulo: IBCrim.

_____. 2004. “Abordagens qualitativas na compreensão do uso de psicoativos” in: TAVARES, Luís Alberto; ALMEIDA, Alba Riva Brito de; FILHO, Antônio Nery (orgs.). *Drogas: tempos, lugares e olhares sobre seu consumo*. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA.

MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio Assis. 2004. *Rodas de Fumo: o uso da maconha entre camadas médias*. Salvador: EDUFBA; CETAD/UFBA.

MILES, Barry. 1992. *William Burroughs: El hombre invisible*. Nova York: Hyperion.

MORGAN, Ted. 1988. *Literary Outlaw: The life and Times of William Burroughs*. Nova York: Henry Holt.

NU-SOL. S/D. “Verbete drogas” in: *Verbetes: abolicionismo penal libertário*. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verbetes/index.php?id=12> (consultado em 20/11/2013).

PATRÍCIO, Luís D.; SANTOS, Nuno Borja; TRANCAS, Bruno. 2008. “O Uso do Ópio na Sociedade Romana e a Dependência do *Princeps* Marco Aurélio” in: *Acta Medica Portuguesa*, v. 21. Lisboa: Editora CELOM.

PASSETTI, Edson. 1991. *Das fumeries ao narcotráfico*. São Paulo: EDUC.

_____. 1994. “A arte de lidar com as drogas e o Estado” in: RODRIGUES, Thiago. *Política e Drogas nas Américas*. São Paulo: EDUC.

RODRIGUES, Thiago. 1999. “Tráfico, Guerra, Proibição” in: LABATE, Beatriz; GOULART, Sandra; FIORE, Maurício; MACRAE, Edward; CARNEIRO, Henrique (orgs.). *Drogas e cultura: novas perspectivas*. Salvador: EDUFBA.

_____. 2004. *Política e drogas nas Américas*. São Paulo: EDUC.

_____. 2004a. “drogas e liberações: enunciadores insuportáveis” in: *Revista Verve*, n. 6. São Paulo: Nu-Sol.

STIRNER, Max. 2004. *O Único e sua Propriedade*. Tradução de João Barrento Lisboa: Antígona.

Vídeos

FORMAN, Janet. 1987. *The beat generation: an american dream*. Sem produtora.